D. José Lourenço da Costa Aguiar

1º. centenario de seu nascimento

(9 de Agosto de 1847)

D. ANTONIO LUSTOSA

No livro de assentamentos de baptismo n.º 32, à pág. 236, da paróquia de Sobral, encontra-se o seguinte termo do ano de 1847: "José, filho legítimo de Boaventura da Costa Aguiar e de Joana Virgínia de Paula Aguiar, moradores desta freguesia; nasceu a Nove de Agosto de mil oitocentos e quarenta e sete e foi baptizado com os Santos Óleos, nesta Matriz, pelo Pe. Francisco António de Melo, de minha licença, a oito de Setembro do dito ano. Padrinhos: José Camilo Linhares e Maria Antonia da Assunção, moradores nesta freguesia. E para constar mandei fazer este assento que assino. O Vigário Colado Francisco José de Souza."

Por este documento histórico se vê que a nove de Agosto fluente fez um século que o parvulo José abriu os olhos à luz deste mundo — o então futuro bispo de Manaus.

O pai de José Lourenço era comerciante em Sobral. Casara-se com D. Joana Virginia de Paula Aguiar, a qual passou seus últimos dias ao lado do filho, na Amazónia. Veio a falecer em Belém do Pará, com 65 anos de idade.

Em Sobral passou o jovem José Lourenço a sua infancia e quase toda a adolescência. Foi pois em sua terra natal que fez os cursos primário e secundário. Seus mestres foram R. R. P. P. António da Silva Fialho e Vicente Ferreira de Arruda.

Aos dezessete anos de idade, com estudos básicos sòlidamente feitos, o jovem José Lourenço se matriculou no Seminário de Fortaleza. Diz o Barão de Studart que a matrícula foi em 1866, mas Leonardo Mota diz que foi a 18 de Janeiro de 1865.

No *Livro de Matrículas* do Seminário não consta a data da matrícula, mas consta a do primeiro pagamento — 18 de Janeiro de 1865 e das primeiras notas de exames: março de 1865.

O Seminarista fez largos progressos nos seus conhecimentos, como se podia prever, já que para tanto não lhe escasseavam raros dotes intelectuais.

A 30 de Novembro de 1870 era sacerdote o futuroso sobralense. Alma de fé, coração formado em primorosa educação cristã, inteligência aberta e culta, o jovem levita desde logo se afirmou valor pouco comum e esperança fagueira para a causa da Igreja. Em sua terra natal cantou a sua primeira Missa, a 8 de Dezembro desse ano de 1870. No ano seguinte ele lecionava em Fortaleza, no Ateneu Cearense. Cura da Sé de Fortaleza (9 de Novembro de 1872) substituiu assim o Pe. Miguel Francisco da Frota; nesse cargo permaneceu o Pe. José Lourenço de Aguiar até o dia 4 de Março de 1876.

Por essa época a diocese de Belém do Pará tinha saído das lutas ingratas que o ínclito Dom Macedo Costa, ao lado de Dom Vital, heròicamente havia enfrentado. Na verdade a tempestade não havia cessado de todo. Se não soprava tão forte o vendaval e não se acastelavam tanto os escarcéus, bem longe estava ainda a suspirada bonança. O bispo do Pará continuou a sofrer, na sede de seu bispado, as investidas que, pode-se dizer, só desapareceram com a queda da monarquia.

Precisando então Dom Macedo Costa de homens à altura dos tempos difíceis que atravessava, conseguiu que o Pe. José Lourenço se transferisse para Belém do Pará e ali o fez Cônego do Cabido da Catedral, no ano de 1876. Teve então D. Macedo Costa de se ausentar da Diocese e nomeou — como era costume então — três Governadores do Bispado, entre os quais o novo Cônego José Lourenço (25 de Outubro de 1876).

Tinha então este apenas 29 anos de idade. Costumava nomear-se mais de um Governador em carácter *successivo,* para

que, na falta do 1.º, o 2.º automàticamente o substituisse e na falta deste o 3.º, e assim por diante. Talvez não lhe tenha sido necessário assumir o Governo da Diocese. Mas foi essa eloquente demonstração de confiança. Outra significativa prova de amizade e apreço recebeu nessa época o distinto sacerdote sobralense, sem embargo dos seus poucos anos de sacerdócio: foi nomeado Vigário Geral da Diòcese para a região do Amazonas com sede em Manaus. Era o ano de 1877. Cumpre notar que o imenso território da Amazónia, desde o Rio Gurupí entre o Pará e o Maranhão, até as fronteiras do Brasil com o Peru, Colômbia e Venezuela, constituía a diocese gigantesca de Santa Maria de Belém do Grão Pará.

Para tornar possível e profícuo o governo espiritual dessa desmedida diocese foi de mistér dividí-la em três Vigararias Gerais: uma com sede em Belém, outra com sede em Santarém, outra com sede em Manaus. Foi esta última a assinada ao jovem Vigário Geral Conêgo José Lourenço. Para se ter uma idéia da vastidão desse campo de trabalho confiado ao nosso Conêgo, basta recordar que ainda hoje há paróquias no Amazonas dentro de cujos territórios todo o Estado do Ceará se acomodaria folgadamente.

Na capital Belémense, o Conêgo José Lourenço empregou sua atividade em várias obras de vulto. Ainda há pouco viviam alguns velhos, que se lembravam da sua ação, na Provedoria da Santa Casa, na direção do Asilo de Mendicidade e do Lazareto de Tucunduba. Desempenhou também os cargos de Cura da Sé e Secretário do Bispado.

No jornalismo estadeou o douto sacerdote qualidades raras e desassombrada pujança.

Já em Fortaleza, como redator da "Tribuna Católica" sua pena bem aparada se pusera ao serviço da Igreja com o denodo que o caracterizava.

Os tempos corriam difíceis. Não se compadecia o sacerdote-jornalista com atitudes dúbias. Nem o acobardavam os contratempos. As lutas da "Questão Religiosa" tinham indisposto bastante o meio social. Em Belém o ambiente era agitado. A ousadia dos adversários da Igreja tinha tomado in-

cremento. A imprensa sectária reflectia o espírito irreverente e hostil da Revolução Francesa que não tardava a vir a furo.

Nesse momento a ação enérgica e esclarecida do Cônego José Lourenço fez do periódico católico de Belém um baluarte da causa santa pela qual se batia e um ariete vigoroso contra a muralha da pseudo-filosofia reinante.

Além da "Bôa Nova", a "Constituição" e o "Diário do Grão Pará" receberam a benéfica influência da pena culta e solerte do Cônego jornalista.

Como parlamentar, nosso Cônego se revelou da mesma maneira que nos outros sectores da sua actividade — homem culto, independente e criterioso.

Seus discursos na Câmara Federal em 1886 e 1887 deixam ver bem seu alto valor. Foi realmente com muito brilho que representou o Pará entre os deputados gerais. Abandonou porém a política quando se deu a proclamação da República.

Pouco depois morre seu grande amigo D. Antônio de Macedo Costa.

Tomára nosso Cônego a deliberação de ir aperfeiçoar seus estudos em Roma. Ei-lo na cidade Eterna. Foi, depois de poucos anos, laureado pela Universidade de Santo Apolinário. Regressou ao Brasil com o grau de doutor em Direito civil e canónico.

A Santa Sé lhe conferiu a dignidade de Camareiro Secreto de sua Santidade Leão XIII.

Monsenhor José Lourenço da Costa Aguiar vem em 1892 renunciar, cheio de ardor, os seus trabalhos pela Igreja de Cristo, no Brasil.

Em Junho de 1893 foi Monsenhor José Lourenço da Costa Aguiar eleito bispo de Manaus. Contava então 46 anos de idade.

A 11 de Março de 1894, Petrópolis a bela cidade das hortências festejava um novo bispo — Dom José Lourenço. O sagrante foi o Internúncio Apostólico do Rio de Janeiro — o futuro Cardeal Gotti. Como consagrantes tomavam parte na solene função litúrgica, D. Joaquim Arcoverde e D. Francisco do Rego Maia.

A 18 de Junho do mesmo ano, D. José Lourenço tomou posse do seu sólio episcopal, na capital baré.

O brazão episcopal do primeiro bispo de Manaus nos mostra o rei dos rios em cuja margem se ergue altiva montanha e mais no alto um condor em pleno voo. — Em 1896 D. José Lourenço foi a Roma para a visita Ad limina Apostolorum. Regressou logo ao Brasil.

Eis D. José Lourenço de novo no vastíssimo campo de trabalho. Estava armado de ponto em branco para a missão espinhosa que a Providência lhe destinara — não há dúvida, mas a saúde lhe começava a baquear.

A Amazônia é um mundo cheio de maravilhas e de mistérios. Ainda hoje — meio século decorrido — ainda hoje o homem se sente pequenino e incapaz de vencer a natureza que o cerca, na vastidão da floresta amazônica.

As tentativas que a civilização tem feito para tomar de assalto aquela imensa selva teem sido todas total ou quase totalmente frustadas. Parece que a lição dos fatos tem sido esta: a Amazónia tem de ser conquistada palmo a palmo. As forças conquistadoras hão de ser muitas, em marcha paralela e simultanea. Avance o comércio, a industria, a higiene, a instrução, a catequese, *pari passu.*

Um missionário perguntou aos naturais semi-civilizados porque não cultivavam a terra. Disseram-lhe que era muito difícil colher ali alguma cousa. Ele quis mostrar-lhes que não era cousa tão difícil. Mandou preparar o terreno, cercá-lo etc. Plantou milho. A passarada em bandos exigiu uma vigilância contínua; uma parte apenas de semente pôde germinar. Depressa repontaram os pés de milho no solo feracíssimo. As formigas da mata imensa descobriram que a utilíssima gramínea era um prato exquesito. A luta dos lavradores foi de dia e de noite. Depois chegaram os lagartos. Depois vieram as capivaras, as cotias e as antas nas horas noturnas e os bandos de papagaios e araras de maracanãs e jandaias no correr do dia... O caboclo tinha razão: era difícil colher ali alguma cousa.

Luta tremenda a do homem amazónico !

Se entretanto, em sua saúde, ele se sentisse mais ou menos

seguro para tanta luta ! Mas quem pode falar em saúde, em higiene, em profilaxia dentro da selva, ao longo dos imensos rios ?

Outra dificuldade quase insuperável cinquenta anos atrás, ou seja no tempo em que D. José Lourenço iniciou seu trabalho apostólico, era o transporte. No mesmo ano da sua chegada a Manaus, iniciou ele suas visitas pastoraís. Encontramo-lo no Rio Negro.

Quantas vezes lhe era necessário meter-se em barcos lentos e frágeis para remontar às partes mais altas desses rios, afim de encontrar os seringueiros ou mesmo alguma maloca de selvagens.

Só quem já percorreu ao menos parte dessa imensa rede potamográfica pode calcular que labirinto é esse que retalha o extremo norte brasileiro.

Ás vezes um rio respeitável deslisa entre duas muralhas maciças de verdura. Chamam-lhe simplesmente *Igarapé* — o que quer dizer: *caminho de canoa* — Seu nome nem siquer figura nas cartas geográficas. E' um simples tributário de um sub-afluente do Rio Negro que, por sua vez, é um simples afluente do Rio Mar.

E que navegação difícil nesses rios anónimos, mas respeitáveis ! A embarcação por vezes deslisa sob enormes troncos inclinados sobre as águas e não permitem sequer uma tolda baixa para abrigo dos viajantes. Frequentemente, para não dizer sempre, o leito entulhado de troncos tombados e enormes sapopemas, apezar de fundo, só dá passagem a "montarias" ou "igarités" de pequeno calado.

E com surpresa de quem viaja pela primeira vez — lá no centro da mata imensa — vê não raro dilatar-se vasta extensão líquida, verdadeiro mar mediterrâneo. Dão-lhe o nome de "baía". E nessas "baías" amplas, o vento levanta maroiços ameaçadores, que lembram as tempestades do oceano.

As febres palustres teem seu reino vasto e quase invencível nessas florestas cheias de tremedais.

Quem poderá extinguir essas nuvens intermináveis de hematófagos nesses igapós desmedidos ? Se para proliferarem lhes

basta uma folha de coaçu ou a axila de uma bromeliácea...

Os indios que habitavam e ainda habitam a selva amazónica não constituem — creio — o maior perigo a ameaçar a vida de quem se atreve a devassar os segredos da floresta. Certamente os há maiores e menos evitáveis.

Pareceu-me bem traçar com poucas pinceladas o campo de actividades de Dom José Lourenço de Aguiar para se ter a ideia do heroísmo com que ele enfrentou as dificuldades inseparáveis e quase insuperáveis do meio em que empenhara todo o vigor do seu zelo.

Do porto do Javarí seguiu ele para Barcelos que, nesse tempo, era, entre as povoações do Rio Negro, um centro importante. Para se ter ideia do passadio nessas viagens longas, por passagens desertas, pela grande distância que medeia entre os pontos habitados, refiro aqui as palavras de um cronista que acompanhava a excursão episcopal: "nossa refeição foi um mutum, um peixe, uma cabeça de macaco, tudo moqueado."

Entre os habitantes disseminados pela vastidão amazónica, D. José Lourenço encontrou muitos cearenses que lhe faziam grande festa, não só por ser um coestaduano ilustre, como por serem os visitados, filhos desta terra profundamente cristã, os quais ainda conservavam as tradições de fé tão carateristicas da família cearense.

Ainda no início do seu governo D. José Louenço visita Massanaí, Barreirinha, Parintins, Tefé, Manacá purú, Coarí etc. etc..

Em 1899 teve de interromper suas visitas pastorais para ir a Roma onde se celebrava o Conc. Plen. Lat. Amer. Numeroso episcopado tomou parte no Concílio, entre os quais brilharam culturas notáveis e inteligências fulgurantes. D. José Lourenço bom latinista, falou em todas as sessões e se distinguiu entre os mais distintos. — Ei-lo de regresso, no meio da sua grei.

Recomeçou suas excursões pela imensa árvore potamográfica de ramificação policotomica da sua dilatada diocese.

Com o fim de conhecer melhor suas ovelhas e de ser delas conhecido, cuidou de aprender a língua dos aborígines. Ele

mesmo no discurso que pronunciou a 4 de Outubro de 1901, na sessão solene de sua recepção como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fez notar que indubitàvelmente, sem o conhecimento da língua dos nossos índios, muitos problemas brasileiros ficariam sem solução. São suas palavras: "Em geral não se conhece entre nós a imensa soma de benefícios que para a ciência em geral e em particular para a etnografia, história e geografia, pode dar o cultivo das línguas aborigines."

Cumpre notar que, para entrar em comunicação com as massas selvagens, a *lingua geral* ou nheen gatu (língua bonita) — como lhe chamam, não é suficiente. A língua própria de cada tribo ou grupo de tribos, por vezes, diverge tanto da língua geral, que nem todos os da tribo conseguem aprendê-la.

A tribo dos *tucanos*, por exemplo, que exerce forte influência sobre várias outras do Rio Negro em nada se parece com o tupi-guarani. E' uma língua diversíssima das outras como se pode verificar por esta simples observação. Em geral, mesmo nos idiomas principais da Europa, as palavras são oxítonas ou paroxítonas, raramente proparoxítonas ou exdruxulas. Temos em português algumas formas exdrúxulas, mas sabemos bem que nosso povo reluta em pronunciar essas palavras com o acento tonico na terceira sílaba.

Palavras com o acento recuado para a quarta sílaba nem o latim, nem o espanhol, nem o inglês, nem o alemão muito menos o francês as tem. No italiano encontramos algumas formas verbais com o acento na quarta sílaba, são palavras pré-exdrúxulas, como: mal*tí*plicano, *más*colano. Há algum caso de acentuação na quinta sílaba, mas sòmente com a anexação de enclíticas, por exemplo: *á*pplicatele onde vemos duas enclíticas pronominais. Pois bem: na língua *tucano* há palavras com o acento na quinta sílaba, por exemplo : men*enquipetero*: nome de um bezouro que vive na árvore do ingá. Outro exemplo: *he*ripomena que quer dizer *coração*. (dois fenomenos prosódicos interessantes: a 1a. sílaba aspirada e o acento tónico na 5a. sílaba — fenomeno mais unico do que raro).

Não basta, como dissemos, ao missionário conhecer o guarani ou língua geral. Esta é conhecida pela família do tuxaua

e mais alguma pessoa importante da tribo; as demais da tribo falam a língua própria e nada entendem da língua geral.

O missionário tem de falar não só às poucas famílias mais ilustres mas a todos os membros da tribo e só o conseguirá se aprender também o idioma próprio da tribo.

D. José Lourenço, que se fez verdadeiro missionário, sentiu a necessidade de aprender a língua dessas pobres ovelhas incultas.

No estudo do *nheen-gatu* quer dizer *língua boa* ou *lingua bonita* tornou-se uma autoridade. Nessa língua escreveu um compêndio de doutrina cristã, conseguindo assim colocar nas mãos dos pequenos selvagens os divinos ensinamentos na própria língua materna.

Além desses estudos sôbre as línguas dos aborigenes D. José Lourenço, que já era possuidor de invejável cultura, continua, entre os árduos labores do pastoreio espiritual da sua dispensa aqui, os estudos que sua vigorosa inteligência aprofundara com tanta facilidade.

De grande justiça pois foi a escolha do seu nome para o "Instituto Histórico Geográfico Brasileiro" do qual faziam parte entre outros — o Visconde de Ouro Preto, o Marquês de Paranaguá, o Cons. Alencar Araripe, Rodrigo Otávio, o Barão Homem de Melo, Rocha Pombo, Paula Freitas, Taumaturgo de Azevedo, o Conselheiro Aquino e Castro, o Conselheiro Souza Ferreira. — Era também membro do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo.

Da sua bagagem literária fazem parte: — os *Discursos* pronunciados em 1887 — fascículo impresso na Imprensa Nacional; Prim. Carta Pastoral sôbre a inauguração do Dia do Amazonas e programa de Governo — 1894; a *Carta Pastoral* — despedida para a primeira visita *Ad Limina Apostolorum*, em 1896; a *Doutrina Cristã* em língua indígena (Christu Muhençana Curimaan nara Arama) — destinada aos naturais do Amazonas — publicado em Petrópolis em 1898; o *Discurso* proferido na Catedral de Manaus nas exéquias de Leão XIII — Epitome da Visita Pastoral — 1898 — Extensão do Jubileu Universal (Carta Pastoral — 1901).

Mas a carreira de D. José Lourenço da Costa Aguiar já estava a terminar. Longos anos de luta implacável contra as trevas da ignorancia, contra as superstições e vícios da barbarie que infestavam seu campo de trabalho, abateram as energias do seu físico, aliás robusto. Por outro lado, as intempéries, as endemias, o desconforto minavam-lhe a saúde. Ficou diabético. Seu espírito, porém, não havia perdido a galhardia com que sempre enfrentava as dificuldades.

Era o ano de 1906. Foi à Europa, pela quarta vez, na esperança de regressar com as energias retemperadas para recomeçar a luta. Mas estava escrito que êle não volveria a ver sua amada diocese, nem seu nunca esquecido torrão natal. Ei-lo em Lisboa. O mal que lhe solapava a existência recrudesceu. Um derramamento cerebral o prostou. Da casa da Condessa de Redinha, que o hospedava, foi transportado para o Hospital São José. Sua Eminência o Cardeal Patriarca lhe ministrou os últimos socorros da Religião da qual fora dedicadíssimo defensor. Achava-se também presente o Arcebispo de Metikne. Era o dia 5 de Junho de 1905 quando os sinos da Catedral de Lisboa anunciavam a morte de José Lourenço da Costa Aguiar.

Na Catedral de Manaus, do lado da Epistola, há um túmulo imponente na mudez dos seus mármores hàbilmente trabalhados.

E' a última morada terrena do 1.º Bispo do Amazonas.